



RECONFIGURANDO PRÁTICAS E POÉTICAS: INTERAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO NA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

RECONFIGURING PRACTICES AND POETICS: INTERACTIONS WITH URBAN SPACE IN THE ARTISTIC RESIDENCE

Guilherme Radi Dias¹

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFRGS
Associado/a/e ANPAP: não

Thiago Trindade Oliveira²

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFRGS
Associado/a/e ANPAP: não

Teresinha Barachini³

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFRGS
Associado/a/e ANPAP: sim

RESUMO

O trabalho apresentado se compõe de uma reflexão que abrange as experiências desenvolvidas em residências artísticas nas aproximações proporcionadas pelos percursos no espaço urbano. Compreendendo-as como campo de produção de saberes e de vivências, introduzimos a análise de alguns momentos das residências artísticas ao longo da história, apresentando a residência artística APEAR (2022) realizada em Porto Alegre, contextualizando-a nos relatos das propostas de alguns dos residentes. Dos encontros e conversas entre os artistas resultaram investigações nas quais foram viabilizadas novas relações com o lugar, a partir de projetos individuais formulados em diferentes linguagens que ressignificam esses processos artísticos na coletividade.

Palavras-Chave: Artes visuais; Residência artística APEAR; Porto Alegre; Cidade; Errância.

ABSTRACT

This work presents a reflection on the experiences developed during artistic residencies, focusing on the connections fostered through movements within urban space. Understanding these experiences as a field for the production of knowledge and lived experience, we introduce an analysis of key moments in the history of artistic residencies, highlighting the APEAR artistic residency (2022) held in Porto Alegre. This is contextualized through the reports of proposals from some of the participating artists. The encounters and conversations among the artists gave rise to investigations that enabled new relationships with place, through individual projects developed in diverse artistic languages that reframe these artistic processes within a collective context.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

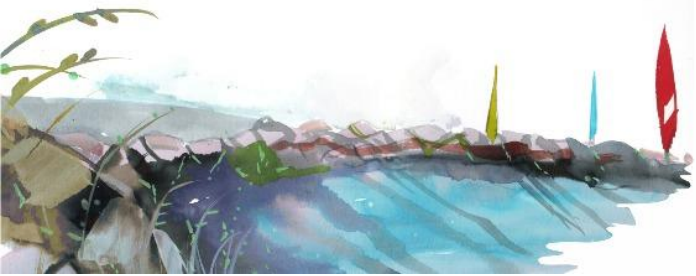
KEYWORDS: Visual arts; APEAR artistic residency; Porto Alegre; City. Wandering.

A ausência de um *mundo comum*
a compartilhar está nos enlouquecendo.
Latour, 2020

Residência Artística: lugar de produção e conexão

O processo de imersão, próprio da residência artística, propõe, em algum sentido, deslocar os artistas para novos contextos geográficos e culturais e, assim, oportunizar produções específicas ou propiciar um tempo de experimentações não conclusivas, ou ainda, apenas fomentar a troca de conhecimento entre aqueles que convivem nesses espaços temporários, sendo indubitavelmente reconhecidas como catalisadoras de um ponto pivotal para a produção poética contemporânea e textual de artistas visuais.

Atualmente a celeridade do cotidiano, aliada a uma cobrança multidirecional do sistema das artes por produção excessiva como sinônimo de qualidade produtiva, impõem aos artistas uma produção contínua e volumosa, semelhante ao que poderíamos associar ao método de produtividade fabril. Esta pressão pautada desde a falsa premissa de facilitadores tecnológicos digitais, como, por exemplo, a utilização da Inteligência Artificial (IA)⁴ é a terceirização plena na execução dos trabalhos, leva os artistas a situações de ansiedade desproporcional e paralisia em seus processos criativos. As residências artísticas se colocam na contramão deste fluxo de aceleração e impõem uma - muito bem-vinda - pausa, a quebra da inércia e *automação*⁵ das atividades diárias, o desacelerar, o respiro e, em última análise, uma possível volta ao



extremos

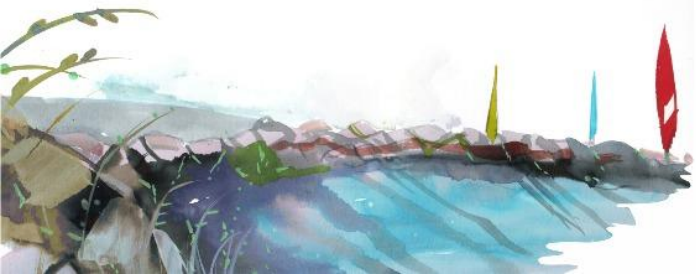
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

espaço de trabalho próprio do artista, o ateliê, reacendendo os processos criativos no tempo que lhe são próprios.

A partir das propostas específicas que perpassam as residências — com seus períodos pré-determinados para as experiências de isolamento em relação ao cotidiano dos envolvidos —, até a absorção das peculiaridades idiossincráticas de territórios (como região, bairro, cidade ou país), ou ainda a convivência coletiva em um espaço específico proposto pela residência, sendo este estranho ou não aos artistas, sabe-se que os trabalhos resultantes são sempre pertencentes não apenas ao lugar geográfico da residência, mas ao tempo do estar presente no ato criativo. Firma-se a residência artística como um novo território cujas margens ou seus limites estão sempre passíveis de alterações por parte daqueles que a praticam plenamente.

A arte carrega em si a universalidade da experiência humana. Dos primeiros rabiscos nas cavernas às intervenções nos espaços urbanos e às linguagens dos meios digitais, é claro o desejo do artista de compreender e expressar algo sobre o ambiente que o rodeia e seu imaginário individual. Impulso que, sem dúvida, não perdeu nada de sua força. Segue vigente e torna-se cada vez mais múltiplo, graças aos aparatos tecnológicos que facilitam as viagens e a comunicação internacional. No panorama atual, em que o movimento, a transitoriedade e a mistura entre globalismo e localismo (“glocalização”) definem a cultura, as residências artísticas exercem função-chave. (...) O nomadismo artístico contemporâneo, impulsionado pelas residências, consiste nessa ação de radicação temporária em um espaço alheio, com a finalidade da descoberta e da renovação da consciência e das soluções visuais. (HORA, 2006, p.55)

No modelo de residências artísticas, a França se destaca com a histórica *Bateau Lavoir* (séculos XIX e XX) e a *Cité Internationale des Arts*, que dispõe de ateliês residenciais. Já nos Estados Unidos, a partir de 1960, a iniciativa *Artist In Residence* (A.I.R.) em Manhattan, NY, transformou espaços degradados, impulsionando a ativação urbana por meio das residências artísticas. Para Hora (2006, p.55) e Moraes (2009, p 17-18) a “terceira onda da mobilidade artística subsidiada”,



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

ocorre a partir de inícios da década de 1990 e ganha os contornos da globalização ao se disseminar, por intermédio das associações, e networks, a redes sociais que articulam esses espaços a partir desse período nas etapas anteriores, pode-se identificá-las geograficamente distribuídas, fundamentalmente, pela Europa e Estados Unidos da América, agora elas já surgem nos quatro cantos do mundo, estendendo-se dos lugares mais inóspitos às grandes metrópoles, em todos os continentes. (MORAES, 2009, p.17-18).

O impacto das experiências colaborativas no âmbito artístico pode ser compreendido a partir de outras iniciativas, como, por exemplo, a de George Maciunas, um dos idealizadores do Fluxus que, conforme Salles (2002), iniciou em 1965 um projeto independente, a fim de promover uma maior autonomia para os artistas perante as prescrições que orientam o sistema da arte, nomeado Cooperativa *Fluxhouse*. Investindo seus esforços para captar recursos necessários à manutenção de ambientes de cooperação e mutualismo, sem submeter os artistas aos protocolos institucionais ou a entraves burocráticos, Maciunas providencia imóveis para serem ocupados pelos artistas no distrito do Soho (NY) – que na época consistia em um bairro industrial – e que foi posteriormente reformulado com as intervenções dos artistas ocupantes.

Com isto, torna-se possível inferir, como de suma relevância, o papel das residências de oferecer à comunidade artística uma ímpar oportunidade da convivência, trocas de experiências e aprendizado com outros artistas, além do enriquecedor contato e interações com a comunidade local, em relação à reciprocidade. Este e outros aspectos próprios das residências fomentam a produção em artes visuais dentro da contemporaneidade em um contexto de, por vezes, quebra de conceitos cristalizados e paradigmas por meio de uma oxigenação e até mesmo, diversificação de práticas e técnicas artísticas, colaborando para o aprimoramento e desenvolvimento das pesquisas e produção poética dos participantes.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

É inegável que as residências artísticas tornaram-se para os artistas contemporâneos uma nova forma de inserção no circuito artístico e um meio alternativo para a sua formação, na medida que retoma o conceito de ateliê como um lugar de criação e produção e sua “inserção no meio urbano, decorrendo disto, portanto, uma consequente relação com os processos de discussão e reflexão sobre a cidade” (MORAES, 2009, p. 20).

No Brasil, ao contrário do fluxo internacional, as residências artísticas ainda são incipientes, escassas e sem grandes perspectivas de suporte financeiro ou de apoio aos artistas. Destacamos entre as iniciativas mais relevantes a do Capacete Entretenimentos, no Rio de Janeiro; a residência Sacatar, em Itaparica, na Bahia; e a Residência Artística FAAP, em São Paulo, que tem mantido o foco na formação dos estudantes de arte através de uma série de atividades em rede.

A dimensão das trocas, a partir dos processos de residência são muito amplas e podem ser desdobradas nas relações com os demais integrantes do próprio processo de formação, quando nos referimos ao ambiente acadêmico, uma vez que da mesma forma elas se dão por intermédio das relações com os docentes e mesmo os técnicos especializados das distintas áreas com as quais o residente possa ter contato. (...) A interação com, e a partir da presença dos residentes permite atender a uma demanda de agilidade que a estrutura habitualmente não possibilita na velocidade que os tempos atuais pedem. (MORAES, 2021, p. 49-50)

Quanto às influências decorrentes da participação em residências artísticas, Marcondes (2019) também confirma que, em razão da permanência em determinados espaços, os artistas criam vínculos, que são demonstrados pelos atravessamentos a que se encontram sujeitos nas relações que estabelecem com um lugar. Porquanto as ações desempenhadas nos processos artísticos pelos residentes são potencializadas pelos deslocamentos espaciais.

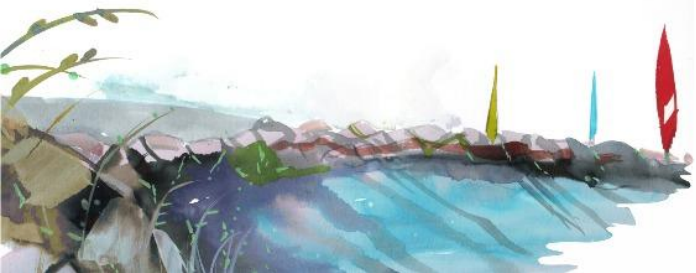


Residência Artística APEAR (2022)

A residência artística APEAR⁶, realizada em Porto Alegre, teve como um de seus temas centrais o livro *Onde Aterrizar? Como se orientar politicamente no Antropoceno* (2020) de Bruno Latour, o qual pautava os seminários de leitura realizados durante as manhãs, estimulando a reflexão, a troca de ideias e o debate entre os participantes, o que não só promovia a criação e estreitamento de laços como o reflexo dos preceitos de Latour e comparativos com as realidades do mundo hodierno, em macro, mas também daquelas individuais, no micro e como esta dialética influenciava e impulsionava as pesquisas e processos poéticos de cada um das mais diversas formas, a partir ponderações sobre as mutações climáticas, enquanto lugar de não retorno. O nome dado a residência (APEAR) tinha entre os seus significados “pôr o pé no chão”, aterrizar, “parar, habitar, permanecer, estar presente para ativar o meio a partir de suas características intrínsecas e se reposicionar como artista, para aterrizar plenamente neste planeta, que é nossa única residência” (BARACHINI, STUMM, 2024, p 9).

Para resistir a essa perda de orientação comum, será preciso *aterrar* em algum lugar. Daí a importância de saber *como se orientar*, e para isso traçar uma espécie de *mapa* das posições ditadas por essa nova paisagem na qual são redefinidos não apenas os *afetos* da vida pública, mas também as suas *bases* (LATOUR, 2020, p.11)

No transcorrer dos dias, cada participante era incentivado a *apear/aterrar* a partir da prática da errância⁷ nas proximidades da residência, na área central de Porto Alegre–RS, com o intuito de ‘perder-se’ entre avenidas, ruas e ruelas, Parque da Redenção, Cais Mauá, entre tantos outros lugares ainda, desvelando cenários, elementos arquitetônicos, cenas do cotidiano no pulsar da rotina diária da cidade.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 01 – Da esquerda para a direita: Tatiana Vinadé. Guilherme Dias, Diana Chiodelli, Henrique Ribeiro, Rebeca Stumm, Tetê Barachini, Monique Panzenhagen, Manoela Furtado. Thamires Messerschmidt, Rosângela Kelling, Lucas Strey e Thiago Trindade. Foto: Thiago Trindade.

Faz-se necessário contextualizar o recorte temporal no qual os artistas estavam inseridos. Um misto entre alívio e ansiedade por ser um período logo após a reabertura e o reaprender a lidar com uma vida, uma cidade, uma realidade pós-pandemia da Covid-19. O trauma permanecia e alguns artistas, além do uso do álcool gel, pendurado em bolsas e mochilas, ainda se resguardavam com o uso de máscaras durante a residência e outros carregavam em suas memórias o peso das perdas de pessoas próximas ocorridas durante a pandemia. Torna-se plausível afirmar que, possivelmente, todas as atividades realizadas, as interações, a experimentação dos espaços urbanos, assim como a produção poética, seriam vistos sob esta lente, por meio deste filtro.

Ao mesmo tempo, por estas mesmas razões, o simples ato dos residentes estarem fisicamente próximos uns dos outros, livres de telas e aplicativos intermediários, a



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

possibilidade de um abraço, de ajudar os colegas na realização de seus processos técnicos, entre outras situações, transcreveu-se como um sopro de ar fresco, a fluidez de um copo de água fresca - muito próximo às discussões sobre gestão de recursos, crise climática e outros tópicos trazidos pelas postulações de Bruno Latour -, até mesmo, uma eufórica sensação de liberdade, novidade, alívio e certa dose de 'transgressão' quando levadas em conta as - mais que necessárias - regras do isolamento social e profilaxia geral durante o período pandêmico.

Outro aspecto de suma importância a ser trazido à discussão diz respeito à localização do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) — o qual abriga o ateliê de escultura que serviu para a Residência Artística APEAR, como espaço de trabalho e convivência para os artistas e convidados.

Situado muito próximo à região central da capital gaúcha, o campus está também adjacente a bairros de relevância cultural e histórica. Essa área é marcada por manifestações políticas, vida boêmia e opções de entretenimento, além de reunir monumentos, marcos identitários e diversas edificações que recontam a linha do tempo da arquitetura de Porto Alegre.

Entre as possibilidades de trabalho, foi proposto aos artistas residentes estabelecer seu território para a prática de errância e ao deslocar-se pela cidade, vivenciar com uma cidade a ser “lida pelo corpo e [com] o corpo” e “poderíamos chamar de uma ‘corpografia’ “, porque a “cidade habitada precisa ser tateada, assim como esta possui sons, cheiros e gostos próprios, que vão compor, com o olhar, a complexidade da experiência urbana” (JACQUES; JEUDY, 2006, p.119) e, claro, com todos os demais sentidos, desde que os envolvidos se disponham a afetar e ser afetado com e pelo seu corpo, em uma ação consciente de se deixar perder, para efetivamente encontrar a cidade.

Para aqueles que optaram por trabalhar a partir dos espaços urbanos, o território de atuação e de pesquisa durante a residência passou a conter não apenas o ateliê, mas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

se estendeu às áreas da cidade pré-estabelecidas. Para atentar-se às camadas - invisíveis em um primeiro momento - da urbe e (re)criar uma relação com a mesma, conforme JACQUES e JEUDY (2006), é necessário buscar perder-se para (re)descobrir, uma vez que a cidade foi, é e sempre será um veio inesgotável de material para todo aquele ou aquela artista que souber lhe garimpar ores e gemas em meio às suas camadas informativas, muito além da simples visualidade.

Questões estas que se tornam ainda mais notáveis quando aplicamos estes conceitos aos diferentes níveis de familiaridade com o território estabelecido apresentado pelos participantes, pois parte deles era proveniente de diferentes cidades do Rio Grande do Sul ou de outros estados, e ainda há aqueles naturais ou moradores da capital e região metropolitana. Constrói-se aqui então um inegável contraponto entre aqueles cuja capacidade ou facilidade em errar e perder-se é potencialmente maior, e os que precisam conscientemente esforçar-se para conseguir fazê-lo. Perder-se durante a ação da errância, antes de mais nada, torna-se uma crucial ferramenta metodológica e, neste sentido, ao trazerem à seara desta discussão o antropólogo Franco La Cecla⁹ em seu livro *Perdersi (Losing Oneself)* (2011), JACQUES e JEUDY, (2006) nos afirmam que o errante seria

aquele que consegue se perder mesmo na cidade que mais conhece, que erra o caminho voluntariamente, e através do erro (e da errância que este erro provoca) realiza uma apreensão ou percepção espacial diferenciada da sua própria memória local. (JACQUES; JEUDY 2006, p.121)

Assim, qual fosse seu caso, o participante, ao perscrutar os espaços urbanos atrás de subsídios para sua reflexão ou disparadores para a produção no curto espaço de tempo abrangido pelo período de residência, ao observar as questões até aqui levantadas, seria capaz de (re)estabelecer relações com a cidade ao traçar elementos comparativos de seu repertório visual e mnemônico com seus recentes achados ou espaços ativados por seu pensamento crítico e intervenções pontuais. Os processos poéticos de cada artista produzia algo similar àqueles que voltam para sua aldeia após



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

uma saída em grupo na busca de recursos: ao voltarem ao ateliê de escultura, ao concluírem uma etapa de um trabalho prático, era como se cada artista retornasse à aldeia trazendo resultados, compartilhando com todos aquilo de produzido, em uma relação de retroalimentação entre os participantes.

Quando o debate realizado entre os residentes nos leva a questionar o entendimento paradigmático do mundo em que vivemos, consegue-se trazer essas provocações para o processo de criação de forma colaborativa. Sentidos prévios em curso são, ao mesmo tempo, continuados nesse lugar de articulação de práticas e processos, sujeitando-se a ressignificações.

A Residência Artística APEAR (2022) por ser uma iniciativa de dois grupos de pesquisa vinculados a Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFRGS e PPGART-UFSM), seus residentes eram docentes e estudantes mestrado, doutorado e estudantes de graduação de iniciação científica. Pelo grupo de pesquisa Objeto e Multimídia - OM-LAB-CNPq (Porto Alegre) participou a artista e professora Tetê Barachini e os discentes Iran Jorge da Silva, Guilherme Dias, Manoela Furtado, Thiago Trindade e Will Figueiredo. E, pelo grupo de pesquisa Momentos Específicos - ME--CNPq (Santa Maria), participou a artista e professora Rebeca Stumm e os discentes Henrique Ribeiro, Diana Chiodelli, Monique Panzenhagen, Rosângela Kelling Filipetto, Thamires Bibiane da Silva Messerschmidt e Tatiana Vinadé. Parte das experiências destes estudantes vivenciadas durante a residência artística APEAR(2022) reverberam em exposições, artigos e capítulos de teses e dissertações.

Em algum sentido, a residência tinha entre os seus objetivos ativar a prática artística dentro da Universidade a partir de redes de pesquisadores, ao retomar os processos criativos compartilhados, principalmente aqueles que envolvem o fazer manual e/ou a inclusão dos corpos como ativadores dos espaços de convivência e trocas contínuas presenciais.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Parar, pensar e respirar parecem sempre tarefas penosas e sem urgência. Estamos sempre atrasados para algo posto antes. A experiência criativa, tanto introspectiva quanto coletiva, parece já não ter espaço para acontecer. A ansiedade nos impõe querer estar sempre em outro lugar, indicado na tela do celular, onde o acontecimento parece ser mais fotografável, mais intenso, mais vivo. A Residência Artística dentro ou fora da Universidade vai na contramão dessa tendência, pois busca recuperar os antigos ateliês— espaços de paragem, de tempos lentos, que propiciam o compartilhar, o pensar, o conversar e o produzir de forma não alienada de si e do outro. Mesmo que temporária, a Residência Artística se firma como uma possibilidade de exercício de viver juntos, com um propósito comum, construído de forma coletiva (BARACHINI, STUMM, 2024, p. 8).



Imagem 02 – Processo de criação para a proposta *Onde me espalho, me espelho* (2022). Desenho em pincel marcador permanente sobre lâminas de espelho. Dimensões variáveis. Foto: André Netto

Para Guilherme Dias, em uma poética que compreende um trabalho contínuo com os sentidos da solidão incorporados no processo de criação, os apontamentos levantados entre os artistas movimentaram outras abordagens da prática artística através do desenho, por conseguinte dos modos de se reconhecer com o meio. Para



extremos

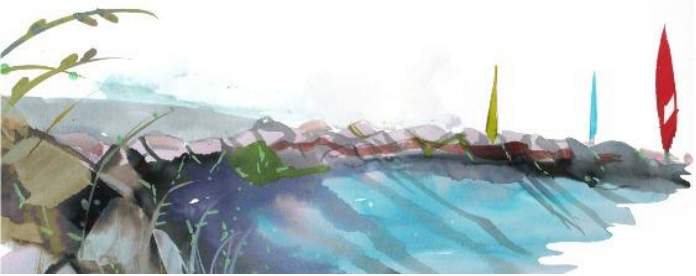
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

se apropriar dos elementos do entorno através do desenho sem se encerrar em princípios já estabelecidos ou ainda em soluções diagramáticas, optou-se por trabalhar usando como suporte lâminas de espelhos. A escolha dos motivos a capturar esteve implicada também nos deslocamentos pelo espaço, em um gesto que compreendeu momentos de apropriação e imersão solitária, a procura de pontos nos quais se assentar e exercitar um olhar sobre o entorno mediado pelo reflexo do espelho.

Investindo no gesto gráfico, a fim de imergir na matéria especular, o traço replicado na superfície reflexiva faz perceber o quanto ela confunde o olhar, revelando assim, do ângulo em que se situa o artista, a existência de um plano subjacente. Dá-se a ciência de outra camada, misteriosa e indelével, sob a qual se estendem os traços do entorno.



Imagem 03 – *Onde me espalho, me espelho* (2022). Desenhos em pincel marcador permanente sobre lâminas de espelho. Dimensões variáveis. Foto: André Netto.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Nos momentos de recolhimento reservados, ao longo desta residência artística, para uma maior concentração no processo criativo — momentos que, no entanto, não significariam um afastamento das ideias partilhadas coletivamente —, foram confrontados aspectos empíricos primordiais da prática do desenho com as ambiguidades geradas no interior dos modos de fazer e, ainda, modos de ser. A mímese que o traço buscava operar durante os deslocamentos se transformou em impressões de uma impermanência do olhar, atividade intrínseca à vivência corporal, considerando como “a qualidade do olhar criador — olhar que vê nas substâncias dispersas do mundo um algo em formação possível de se unir como uma coisa coesa — arrisca elos inusitados” (DERDYK, 2012, p. 60).

Isto se dá pela residência artística consistir em uma experiência que pode ser vivenciada como um exercício de presentificação, posto que torna reais as possibilidades que afloram das aproximações no coletivo e ganham formas que são materializadas pelos gestos e movimentos de criação, bem como por afetos expansivos. As novas relações formais e novas possibilidades visualizadas ao acompanhar o trabalho de outros artistas, consolidam uma busca por uma relação com o meio em que é preciso se deslocar, migrar para outro lugar em que o individual esteja imbricado com o coletivo.

Thiago Trindade opta por deter-se nas problemáticas levantadas por Bruno Latour, sobretudo no tangente às crises via negacionismo científico, pós-verdade e pós-política em seus impactos no cotidiano do planeta, a fim de estabelecer novas ligações com estes espaços há muito familiares. Entre outras razões, a pungência destes três pontos era ainda mais vividamente lancinante, exatamente pelas consequências do somatório entre a crescente onda neofascista e a pandemia da Covid-19, regidas por estas três ferramentas das ‘elites’ para atormentar, desorientar e ‘catequizar’ uma população cada vez mais perdida. Latour (2020, p. 49-50) menciona que “não se trata de uma política da ‘pós-verdade’, mas sim de uma política da pós-política, ou seja, literalmente sem objeto, na medida em que ela rejeita o mundo que reivindica habitar”.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

São conjuntos de ações visando o benefício de poucos em detrimento de muitos, sem pensamento nas consequências para o planeta, nem se colocando no mesmo patamar da maioria da população, como se dissessem algo como “não pertencemos à mesma terra que vocês” (LATOIR, 2020, p. 10). Políticas excludentes e com uma busca a um passado de “glórias”, “dourado”, todas estas características daquele recorte de tempo, porém, extremamente atuais.



Imagem 04 - Thiago Trindade, *"The Beautiful People"* (cidadão de bem edition) (2022). Assemblagem escultórica. Dimensões: 52 x 31 x 20 cm. Foto: Thiago Trindade.

A segunda razão para o estreitar do escopo, escolhendo trabalhar a partir destas rupturas do tecido social, se dá por razão de os deslocamentos, a errância, assim como um olhar atento à cidade, já serem algo habitual e indissociável da práxis do artista, o qual afirma que

é por meio deste estudo dos espaços urbanos a partir de deslocamentos feitos a pé que, esquadrinhando por especificidades e elementos sígnicos que são geradas as imagens mentais



extremos

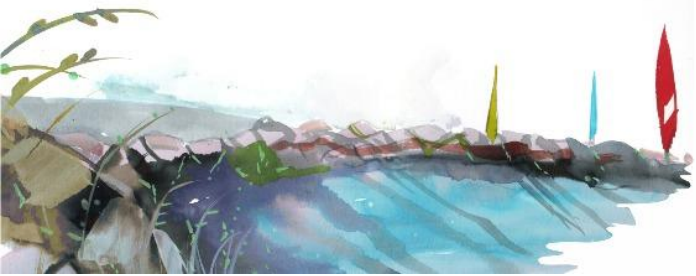
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

desdobradas em instalações, intervenções e inserções urbanas, geralmente com saídas imagéticas e objetais em suas interações com o espaço tridimensional. (OLIVEIRA, 2022, P.15)



Imagem 05 - Thiago Trindade, *Dominant but dead* (2022). Imagem Digital a partir de fotografia. Dimensões: 42 x 59.9 cm. Foto: Thiago Trindade.

Para Thiago Trindade, a sobrecarga visual e (des)informativa, própria dos centros urbanos, nos quais vivemos cercados por telas e alto-falantes dos mais variados tipos e tamanhos, tornar-nos-ia incapazes de escapar da compulsória exposição a toda esta ruidosa cultura do excesso, proselitismos, distrações e cortinas de fumaça inerentes



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

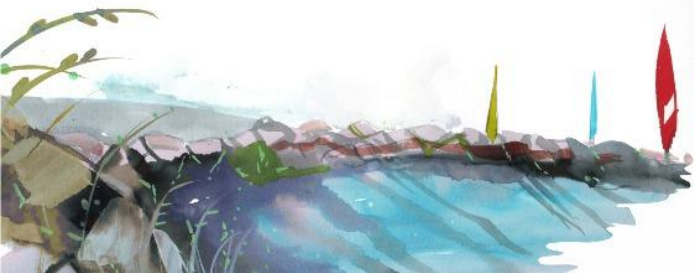
à pós-verdade defendida por Latour, questões estas imediatamente aglutinadas à sua produção poética uma vez que para ele, são estes mesmos excessos que originam

a praxe de juntar diferentes elementos e sobrepô-los, criando uma ambiência assimilando a visualidade da linguagem utilizada pelos poderes executivos, a publicidade, assim como o cidadão comum nos espaços urbanos. Através desta assimilação, é desenvolvido um estilo próprio de mostrar de forma hiperbólica os absurdos da vida cotidiana, sobretudo nos grandes centros. (OLIVEIRA, 2022, p.24).

Durante a Residência Artística Apear, o resultado são os trabalhos "*The Beautiful People*" (*cidadão de bem edition*) (2022) (fig. 03) e *Dominant but dead* (2022) (fig. 04), os quais formam associação entre um objeto tridimensional e uma imagem digital, remetendo à dualidade criada pela relação entre a parte matéria, arquitetônica da cidade - e sua forma de influenciar ao cidadão como este pode ou não percorrer e adentrar espaços urbanos - e a intátil, incorpórea, datificada atmosfera de ruído informacional, publicidade e decisões das várias esferas de poder, a iminência de desastres, consequências da crise climática e pandemias, a exemplo de outros elementos incorpóreos, mas que influenciam vidas, saúde, e manutenção da existência de populações inteiras.

Em seus trabalhos, o artista discorre sobre as discrepâncias e injustiças relativas às ações das burguesias detentoras do poder que vem pelo dinheiro, o uso das *big techs* como cavalos-de-batalha contra uma população que não sabe mais no que acreditar, e a gestão da saúde e vidas de milhões mediante ao lucro.

Como uma das organizadoras da Residência Artística Apear (2022), Tetê Barachini, optou por permanecer mais tempo no espaço do ateliê para dar desdobramento a um objeto encontrado em julho de 2022, no Parque Estadual de Itapuã, em Itapuã —RS. Durante o curto tempo da residência, foi possível prospectar sobre o mesmo e testar formas para, na sequência, realizar réplicas do mesmo em outros materiais, cujo resultado foi apresentado na exposição coletiva *Incertezas em Gaia*, no MAC-RS, com a instalação *Través* (2023).



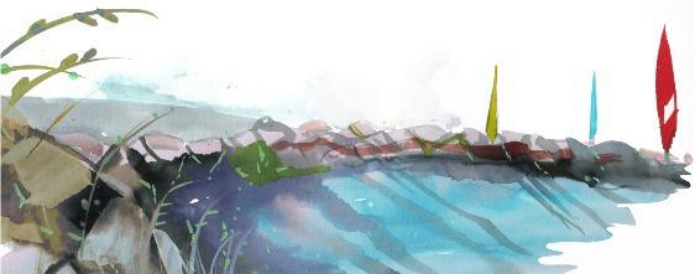
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 06 - Tetê Barachini com Lucas Strey. Testando formas para o objeto encontrado durante a Residência Artística APEAR(2022) na sala de escultura do Campus Centro da UFRGS. Foto: Thiago Trindade.

O tempo dedicado as leituras, a pensar e produzir coletivamente parecia-lhe mais potente durante a residência. Perceber as nuances de um certo caos mental, do planejamento inconcluso, lugar de frustrações e acertos compartilhados lhe permitia sentir a elasticidade do tempo, a calma, instantes preciosos na pausa imposta pela correria cotidiana. Não havia pressa em alcançar algum tipo de resultado passível de ser exposto, era apenas a vida como acontecimento durante o processo criativo. Um exercício de aproximação a um objeto queimado encontrado em um lugar improvável. Os desdobramentos, as reflexões e a exposição pública veio em um tempo outro, quase doze meses depois.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Ao revisitar os registros, percebemos o quanto fomos acompanhados pelo olhar e tempo do outro, enquanto tomávamos decisões sobre seguir ou não por caminhos que só o pacto de estarmos juntos oferece. É comum que, em Residências, um acabe participando do trabalho do outro, seja em registros do processo, ou em tomadas de decisões. No entanto, esta estrutura social compartilhada, mesmo que momentaneamente, aponta também para a possibilidade de outras formas de vida. Discutir as ideias sobre a nossa realidade à luz das ideias de Bruno Latour, ampliou o leque de entrega para as propostas que, fincadas nestes modos de estar aqui, puderam ser aprofundadas. Pistas destes momentos de presença na cidade de Porto Alegre, ou resíduos da cidade aparecem nas diferentes pesquisas realizadas. Da mesma forma, compartilhar os processos enquanto estes estavam sendo gerados, reforça o quanto esta realidade a qual estamos Aterrados, é nosso chão comum (BARACHINI; STUMM, 2024, p. 9-10)

Ponderações quase finais

As residências artísticas cada vez mais se firmam como períodos temporários de trocas presenciais e/ou virtuais, na experiência da APEAR foi possível reforçar a importância do trabalho coletivo dos artistas em ateliês e, principalmente, a manutenção destes em cursos de Artes dentro das Universidades. Entre os resultados alcançados, a produção dos artistas englobou desenho, objetos tridimensionais, imagens digitais, intervenções urbanas, performances, e fotografia, além de um catálogo reunindo parte desta produção, publicado em 2024.

As interpretações do espaço urbano através de percursos realizados de forma individual pelos artistas durante a residência materializaram, nas especificidades de cada linguagem, a inscrição de sujeitos em um campo de relações territoriais que acolhe a condição original do espaço e desbanaliza os seus elementos.

No exercício das sensibilidades que se voltam à apropriação de recursos do meio, evidenciou-se em diversos momentos o reconhecimento empírico do lugar no qual o pertencimento foi gestado a partir de percepções que guiaram as movimentações dos artistas pelo espaço urbano. As conexões decorrentes desses processos se opõem



às relações atópicas que são atualmente impingidas em níveis críticos na cultura contemporânea e que instituem, por sua vez, modos de existência lineares e insustentáveis quando se propõe a desconstrução de marcos territoriais através de afirmações nas poéticas.

Referências

BARACHINI, T.; STUMM, R (org.). *Residência Artística Apear. Porto Alegre*, PPGAV-UFRGS, 2024. Acesso disponível em: https://issuu.com/ttbarachini/docs/apear_residencia_artistica

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2008.

DERDYK, Edith. *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. 2. Ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes / Paola Berenstein Jacques*. - Salvador : EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein & JEUDY, Henri Pierre. *Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2006

HORA, DI. *Residências artísticas: as múltiplas direções dos trânsitos contemporâneos*. Caderno Videobrasil, Associação Cultural Videobrasil, v. 2, n. 2, 2006, p. 54-77.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno* (1ª ed.). Rio de Janeiro–RJ: Bazar do Tempo, 2020.

MARCONDES, Guilherme. *Deslocamento, formação e legitimação: uma análise de programas de residência artística no Brasil*. Caderno CRH. Vol. 32, n.º 87, set/dez. 2019, p. 561-575. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/30772>>. Acesso em: 30 mai. 2025.

MORAES, M. *Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão*. Tese (Doutorado – Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 134. 2009. Link: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos_Jose_tese.pdf

MORAES, Marcos. *Residência artística: de ambiente de produção e difusão das práticas artísticas contemporâneas, ou acerca da formação artística e das necessidades de resistência e persistência da pesquisa e experimentação*. (2021). *Farol*, 16(23), 37-54. <https://doi.org/10.47456/uf.v1i23.34028>

OLIVEIRA, Thiago Trindade, *A PALMEIRA COMO LEGITIMADORA DE ESPAÇOS: do colonialismo ao excesso imagético, da política até a frente da sua casa*. (2022). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre–RS.



SALLES, Evandro (coord.). *O que é Fluxus? O que não é! O porquê*. Curadoria John Hendricks; texto Arthur C. Danto. Brasília: CCB, 2002.

Notas

- 1) Doutorando em Poéticas Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Licenciado em Artes Visuais na mesma instituição. E-mail: radidias.guilherme@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6081-8718>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9346051361592767>. Maringá-PR, Brasil.
- 2) Artista visual e pesquisador. Doutorando em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS, Mestre em Poéticas Visuais pela mesma instituição, Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Email: trindadethiago777@gmail.com; Página: @th.i.ag.o; Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0894616644302656>; ORCID: 0000-0001-9115-8601; Porto Alegre-RS, Brasil.
- 3) Artista, pesquisadora e professora do PPG em Artes Visuais da UFRGS. Doutorado pelo PPGAV-UFRGS e Mestrado pela ECA-USP. Líder do grupo de pesquisa Objeto e multimídia Como escultora suas pesquisas envolvem aproximações com mídias locativas em espaço urbano para a produção de objetos sensíveis e mapas. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2118563938166344>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7249-1641>. E-mail: tete.barachini@gmail.com; Site pessoal: <https://www.tb.art.br/>. Porto Alegre-RS, Brasil.
- 4) Refere-se à capacidade de aprendizado, raciocínio, tomada de decisão e solução de problemas por parte de máquinas e/ou sistemas aplicada na realização de tarefas que habitualmente requerem inteligência humana. A simulação da inteligência humana permite às máquinas 'tarefas cognitivas' de forma autônoma.
- 5) Aqui no sentido do latim *Automatus*, que significa mover-se por si só, ou seja, deslocar-se e realizar tarefas no automático, por hábito, sem a necessidade de factualmente pensar no que se está fazendo.
- 6) Realizada entre os dias 06 a 12 de novembro de 2022, contando com artistas visuais de dois grupos de pesquisa, Objeto e Multimídia (CNPq-UFRGS) e Momentos Específicos (CNPq-UFSM) cujos membros - em sua maioria - possuíam pesquisas no âmbito de pós-graduação. Estes co-habitaram no ateliê de escultura do Instituto de Artes da UFRGS, no Campus Centro, em Porto Alegre.
- 7) Ver sobre o conceito de "errâncias" com JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes / Paola Berenstein Jacques. - Salvador : EDUFBA, 2012.
- 8) (1956), arquiteto e antropólogo italiano